

# Comportamentos sociais de manifestação de fé no Algarve

Paulo Moutinho Barroso

**Resumo:** No Algarve, milhares de pessoas manifestam colectivamente a fé, desde tempos ancestrais, através de comportamentos sociais, símbolos religiosos e rituais sagrados e profanos. Conservam, desta forma, uma tradição que é, também, uma forma de expressão da identidade local. Mediante a realização de festas religiosas que evidenciam a peculiaridade histórica, social e cultural quer da região quer das suas gentes, o Algarve tem também uma dimensão patrimonial tão enraizada como muitas vezes desconhecida. Como acontecimentos de envolvente simbolismo e de multifacetada expressividade de uma identidade local e colectiva, apesar de apresentarem denominadores comuns, as festas religiosas (não necessariamente patronais, de freguesia ou de paróquia) são fenómenos que caracterizam e determinam, principalmente, o património histórico-cultural do Algarve. Património também religioso e popular, que se traduz em momentos propiciadores, capazes de aglutinar indivíduos provenientes de diferentes locais, alguns distantes (como os emigrantes), em idênticos rituais de culto num espaço sagrado comum e mediante a partilha e compreensão acordada de símbolos. “Como enquadrar e compreender estes comportamentos sociais de manifestação colectiva de fé?” é a questão central, tendo por base o pressuposto de um património ideológico construído e, acima de tudo, intangível.

## 1. Introdução

Certamente que o mar é um dos motes principais do XIII Congresso do Algarve e de qualquer iniciativa cultural que visa discutir as valências e mais-valias da região. Este elemento marítimo, marco importante na história de Portugal, remete as abordagens temáticas para o estudo sobre o que o Algarve tem como montra mais significativa e característica para o sector do turismo e para a promoção regional. Todavia, o que com esta comunicação proponho é o percurso inverso, isto é, permanecer em terra em vez de voltar ao mar. Permanecer em terra junto das raízes populares mais profundas e tradicionais: os comportamentos sociais que manifestam fé nas festas religiosas do Algarve.

A justificação deste tema prende-se ao facto de, desde tempos ancestrais, milhares de pessoas manifestarem colectivamente a fé na região. Através de comportamentos sociais, práticas reguladas, símbolos religiosos e rituais sagrados e profanos, as comunidades locais conservam ainda, desta forma, uma tradição que é, também, uma forma de expressão da identidade cultural.

Esta comunicação inaugura a apresentação pública de uma das partes de um

projecto que está a ser desenvolvido pelo proponente no âmbito de um pós-doutoramento em Ciências da Comunicação no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. O projecto principal, intitulado «Códigos de significado performativo: a experiência religiosa como ritual de comunicação simbólica», desdobra-se em várias partes, sendo as festas religiosas do Algarve a parte que abrange eventos nos 16 concelhos do Algarve e durante todo o ano. No total, estão previstas 55 festas religiosas para estudar no Algarve. A maior parte distribui-se pelos meses de Verão, mas todos os meses estão contemplados. O espaço e o tempo sagrados são, desta forma, alargados a toda a região e a todo o calendário civil.

Do objecto de estudo desta parte do projecto sobre o Algarve são excluídas as festas patronais, de freguesia ou de paróquia, as festas associadas aos santos populares, bem como os importantes e tradicionais ciclos festivos da Páscoa, do Natal (celebrados em todo o país) e do Carnaval (essencialmente celebrados como festa pagã e profana). Desta vasta exclusão sobram as festas religiosas que propriamente são consideradas como romarias, apesar da acepção desta palavra remeter para as típicas “romarias minhotas”. Ou seja, interessam aquelas manifestações colectivas e exteriores de cariz religioso, mas onde este cariz religioso se mistura com o popular quer nas crenças quer nas práticas sagradas.

Os principais objectivos deste texto são: 1) apresentar a parte do projecto sobre o Algarve na sua actual fase inicial de enquadramento teórico e conceptualização; 2) despertar sensibilidades sobre as tradicionais celebrações e manifestações de fé através de comportamentos sociais na devoção popular no Algarve; 3) enquadrar e compreender os comportamentos sociais de manifestação colectiva de fé; e 4) apelar para eventuais críticas, comentários e contributos que possam melhorar o trabalho que está a ser realizado.

## **2. Comportamentos sociais de manifestação de fé no Algarve**

As manifestações de fé às entidades divinas são sempre o resultado de experiências primordiais do sagrado. A partir da leitura e da interpretação destas experiências procede-se à construção social do culto. Os cultos, que podem ter a forma de latria, dulia ou hiperdulia, assentam essencialmente num conjunto de conceitos, valores, crenças e práticas religiosas. Por conseguinte, as manifestações de fé são como expressões de processos de sacralização, pois, só se pode manifestar a fé se existir previamente um elemento sagrado, a sua manifestação e compreensão enquanto elemento sagrado, e a subjacente formação e conservação de um conjunto de crenças e práticas religiosas. Mas, como manifestar a fé? Como compreender uma manifestação de fé? Como saber se determinado comportamento ritualista permite ser compreendido como modelo de uma conduta romeira?

Na presente abordagem privilegiamos os comportamentos sociais como manifestações de fé nas devoções populares do Algarve, partindo do pressuposto de que

um comportamento social caracteriza-se por um modo habitual através do qual as pessoas são conforme a sua natureza, isto é, vivem, pensam ou agem em conformidade com certos valores, relacionam-se com objectos, coisas e circunstâncias e interagem.

Um comportamento social pressupõe uma constância nos modos de agir e de pensar das pessoas de uma dada cultura. E é graças a esta constância que é possível, por um lado, estudar cientificamente a sociedade, por outro lado, estabelecer modelos ou esquemas sociais de comportamento.

Os comportamentos sociais ou colectivos são, desta forma, modos estáveis de ser e de agir das pessoas e surgem quando os mesmos modelos ou esquemas suscitam maneiras de ser e atitudes similares entre os indivíduos. Então, falamos em modelos de comportamento social porque existe uma uniformidade nas maneiras generalizadas de agir e de pensar que se verificam regularmente entre as pessoas. Destes modelos resulta a prescrição do que é ou não admitido. Pensar em “modelo” suscita, *per se*, a ideia de constância, de normalização. A associação dos comportamentos humanos a um determinado modelo remete para algo esperado, uma maneira de agir conforme certas expectativas e com um dado significado social. Os modelos de comportamento não dependem dos indivíduos considerados em separado, mas são colectivos. E o que torna interessante o seu estudo é o facto de milhares de pessoas seguirem os mesmos preceitos e práticas religiosas, terem as mesmas crenças face a uma determinada entidade sagrada e contribuir, cada uma por si, para a construção social e simbólica de um certo significado associado a um culto.

Entre a plêiade de comportamentos sociais interessa questionar os que ocorrem como resultado de experiências e fenómenos religiosos. Neste caso, os comportamentos sociais manifestam a fé que as pessoas nutrem por uma entidade divina, porque os modos de se comportar estão subjacentes e conformes às crenças e práticas religiosas do culto. Por conseguinte, os comportamentos sociais de manifestação de fé inserem-se em modelos considerados importantes e necessários para a comunidade e para a cultura.

É nesta perspectiva que o título «Comportamentos sociais de manifestação de fé no Algarve» visa enaltecer a importância dos referidos comportamentos colectivos, rituais expressivos e padrões conceptuais entendidos como manifestações idealizadas da fé sobre a experiência religiosa. Ao falar em comportamentos sociais de manifestação de fé pretende-se também esboçar as representações sociais da experiência religiosa, isto é, visa-se definir os conceitos, valores, crenças e práticas socialmente terapêuticas que caracterizam um certo modelo de comportamento ritualista na região denominada.

Por conseguinte, este estudo sobre a conduta romeira tem como principal objectivo a compreensão de um fenómeno religioso associado à celebração da festa. Para a concretização deste objectivo, parte-se das próprias atitudes, crenças e práticas religiosas

observáveis nos romeiros que frequentam os espaços sagrados. A constância anteriormente atribuída aos comportamentos sociais torna-os comportamentos ritualistas, isto é, constituídos por um conjunto de acções simbólicas e associados a um determinado padrão ou modelo que é, *per se*, indispensável para a própria realização do dito comportamento.

Nesta perspectiva, um modelo de comportamento ritualista tem várias utilidades: serve de padrão na formação e integração social dos indivíduos; permite reflectir sobre a cultura em que se insere; funciona como norma para ser seguida, simplificando e facilitando a própria vida social.

Os comportamentos sociais de manifestação de fé na devoção popular no Algarve são ritualistas e classificam-se como manifestos ou exteriores, isto é, são directamente observáveis as atitudes e as acções dos crentes que ocorrem com frequência e que são seguidos e compartilhados por milhares de pessoas. Além disso, os comportamentos sociais manifestam a fé no divino e, por conseguinte, possuem significados sociais.

Os comportamentos sociais definem-se num espaço e tempo próprios. É no espaço sagrado dos templos religiosos e em dias santificados fixados no calendário litúrgico romano que se manifesta a fé através de acções simbólicas e práticas litúrgicas. As crenças e práticas religiosas conotadas com a devoção popular inserem-se entre os tipos principais de padrões ou modelos de comportamento social e cultural.

Os cultos às entidades divinas na devoção popular fundamentam a realização anual de festas muito concorridas no Algarve. Afirmando-se com ritos de identidade própria, o elemento sagrado ocupa um lugar central quando estudados os comportamentos sociais associados às manifestações de fé. Através de determinados comportamentos sociais, a devoção popular expressa reverência às entidades divinas como se estas expressões fossem marcas de uma identidade e cultura próprias, através da qual surgissem e se conservassem sentimentos de pertença, de reconhecimento, de pretensão, de autoridade, de legitimidade e de racionalidade.

No Algarve, os comportamentos sociais de manifestação de fé na devoção popular correspondem ao que é próprio e característico das sociedades contemporâneas ocidentais, em que o papel das ideologias culturais continuam a apelar às narrativas tradicionais e a reinventar constantemente a ideia de ideologia. Nesta região, como em muitas outras de Portugal, as manifestações litúrgicas e lúdicas coexistem num determinado espaço e tempo sagrados. Entre as expressões de devoção popular, os comportamentos sociais concorrem para a ideologia tradicional das festas religiosas.

Quer as cerimónias festivas quer a própria instituição Igreja Católica vivem da tradição que é transmitida e constantemente “actualizada” no tempo. Esta tradição é, por conseguinte, uma perspectiva moderna dos comportamentos sociais que se repetem e se reactualizam no espaço e no tempo sagrados das festas. Pelo exposto, consideramos que

os comportamentos sociais de manifestação de fé na devoção popular reúnem um conjunto de aspectos interessantes para o seu estudo e compreensão.

A componente sagrada de uma festa religiosa pressupõe necessariamente a componente profana, de modo a serem contrapostas entre si. As relações entre o sagrado e o profano são complementares, porque qualquer concepção religiosa do mundo implica esta relação distintiva entre o sagrado (dimensão onde o comportamento, a atitude, a acção humana se rege por um sentimento de dependência íntima face a um patamar de superioridade divina) e o profano (dimensão onde se age sem angústias, temores ou comprometimentos). Como sustenta Roger Caillois, esta distinção nem sempre é suficiente para definir o fenómeno religioso, mas fornece, pelo menos, a pedra-de-toque que permite reconhecê-lo com a mais segurança.

As experiências religiosas e as manifestações de fé que lhes estão associadas são, por um lado, precisamente marcadas por esta relação entre o sagrado e profano e, por outro lado, o resultado das interacções dos crentes com o sagrado. As crenças e os ritos constituem o suporte que, em termos espirituais e práticos, permite manifestações da fé associada a uma determinada experiência religiosa.

Assim, a componente litúrgica das crenças e práticas religiosas de uma romaria é sempre complementada e enquadrada com uma componente lúdica. Nos dias de festa, as guirlandas penduradas nas artérias de acesso ao espaço sagrado e o som que sai dos altifalantes acusam um ambiente festivo e chamam os romeiros que, na ocasião festiva, preenchem os caminhos que ligam as suas casas aos locais de culto.

O início madrugador de cada jornada de festa é assinalado, tal como o seu termo nocturno, pelo atroar de morteiros e repique dos sinos. São sinais sonoros facilmente identificadores de que se vive um tempo diferente, um tempo de festa consagrado à entidade sagrada e propiciador de comportamentos sociais, atitudes, gestos e práticas também diferentes das quotidianas.

É costume os locais onde decorrem as romarias apresentarem-se decorados com enfeites e guirlandas com formas, cores e luzes diversificadas. Estes locais assumem o estatuto de espaço sagrado, heterogéneo, separado do restante espaço mundano. São locais renovados e de renovação do tempo e dos romeiros. Como as outras festas religiosas, as romarias tendem a reforçar o sentimento de unidade, de identidade e de partilha comunitária em torno do culto. Praticamente todos os membros da comunidade participam na festa religiosa. O sentimento de comunidade é vivido com intensidade pelo menos uma vez por ano, por ocasião da festa. Esse sentimento reside na própria percepção, por parte dos membros, da vitalidade cultural em que se inserem. A ideia de comunidade é construída simbolicamente pelas pessoas como fonte e repositório de significados sociais e como referente para a identidade.

A festa é enquadrada por um cenário rural. As principais artérias são enfeitadas com as guirlandas do costume e preenchidas pela algazarra característica. A festa implica uma grande concorrência e ajuntamento de povo agitado e barulhento que favorecem o nascimento e o contágio de uma exaltação manifestada por conversas, gritos, gestos e impulsos. O arrebatamento é colectivo e a algazarra impõe-se com naturalidade. Principalmente a proporcionada pelos crentes provenientes de espaços rurais, que interrompem o rotineiro ciclo o trabalho agrícola imposto pelo calendário agrícola para, em dia de importante e lenitivo cerimonial para o espírito, experimentarem o significado sugerido pela memória de um cumprimento tradicional, simbolizado e ritualizado de determinados comportamentos sociais.

A festa arranca o indivíduo da sua intimidade, do seu mundo pessoal e familiar, para o posicionar no centro da comunidade. A festa representa e proporciona uma fase de turbilhão onde uma multidão frenética se afirma ruidosamente una e indivisível, consumindo de uma só vez as suas riquezas e as suas forças. A festa marca um tempo demasiado vivo no ritmo da actividade geral, coloca o indivíduo numa posição de interactividade com os outros e com o sagrado. Posição de excessos espirituais e físicos, propícia para retemperar o Ser, porque o tempo vivido também é de excessos. É um tempo “meta-cronológico”, isto é, um tempo “extra-ordinário”, um tempo fora do tempo comum, um tempo sacralizado.

Ir à festa é imergir num espaço e num tempo diferente; é experimentar a necessária e regeneradora ruptura com a monótona vida profana; é extravasar-se das tensões sociais acumuladas ao longo do ano; é admitir-se na heterogeneidade das dimensões espaciais e temporais da existência; é viver o sentido sagrado do ritmo vital sugerido pelo Cristianismo, mas imitado da própria Natureza. A cultura e a natureza assentam na conservação de uma ordem universal que, como refere Roger Caillois, garante a integridade das instituições e a regularidade dos fenómenos. As crenças formam-se elo princípio de garantia de uma estabilidade espiritual que cobre tudo o que de bom acontece e pode acontecer às pessoas. Qualquer ameaça que compromete essa estabilidade é entendida como adversa à ordem universal divina. O temor pelo mal e o desejo pelo bem que pode acontecer seguem a mesma inclinação ou sentimento de dependência face à ordem na formação e sustentação de crenças, bem como na prática religiosa. Reconhecer esse temor pelo mal e esse desejo pelo bem é fundamental para a fortificação espiritual pela via da fé e, conseqüentemente, para a superação das adversidades do mundo. Entre o bem e o mal ou entre o desejo pelo bem e o temor pelo mal se estabelece uma relação maniqueísta na concepção que os crentes formam e conservam no quadro da religiosidade popular.

Neste sentido, a festa assume-se como paroxismo das sociedades e culturas, onde os mitos ainda ocupam um lugar central no imaginário colectivo e determinam característicos comportamentos sociais ritualizados e essenciais à vida e à ordem universal.

Apesar das mudanças de tempos e de mentalidades, existe sempre uma atitude afectiva (porque emana da sensibilidade sobre uma determinada entidade divina) e valorizante (porque o sagrado é colocado num plano superior) independentemente da natureza da expressão pela qual o homem manifesta a sua religiosidade. O *homo religiosus* hodierno, pretensamente racional e dessacralizado, não consegue evitar o irracional que permanece como fundo inconsciente de cariz mítico e religioso. Nas formas mais simples e autênticas de manifestação da fé por via de uma religiosidade popular, que o Algarve também é tributário, verifica-se o retorno ao processo de sacralização da realidade. Não se trata de um ressurgimento das primitivas experiências míticas sagradas, mas de uma consciência colectiva e espontânea de outras formas de actuação equilibrada e de intelecção receosa sobre a esfera sagrada.

O regresso do religioso deve-se à inquietação e insatisfação humana na procura de sentido ou de benesses para a vida. Conforme refere Mircea Eliade, em *O Sagrado e o Profano*, o Homem puramente a-religioso é um fenómeno muito raro, mesmo na mais dessacralizada das sociedades modernas, porque descende do *homo religiosus* e dispõe, até inconscientemente, de uma mitologia camuflada e de numerosos ritualismos. Não existe o homem a-religioso ou unicamente racional. Todos temos uma consciência construtora de mitos e somos constituídos simultaneamente pelas actividades racionais conscientes e pelas experiências irracionais ou emotivas. Os mitos, resultantes de ambiguidades e de leituras interpretativas da realidade, surgem para suportarem a fé que se nutre por algo ou alguém mitificado.

No caso das festas religiosas do Algarve, ir à festa é participar no itinerário devocional e sacrificial da fé que envolve quer as entidades divinas quer os próprios crentes. Estas festas litúrgicas e lúdicas mobilizam e dinamizam os crentes e a comunidade na procura e identificação do sagrado.

Independentemente de seguir a tradição ou a inovação, a celebração da festa funciona como marcação do ritmo vital e do calendário, por um lado, e como convergência da comunidade num desígnio colectivo, por outro. A festa possui significado logo pela tradição e simbolismo que encerra desde que há memória do próprio evento, isto é, porque reifica, reinventa ou reproduz um tempo passado primordial e colectivo.

### **3. Observações finais**

Os cultos dirigidos às entidades sagradas motivam a realização de tradicionais e simbólicas festas religiosas. Estes cultos constituem uma fonte de riqueza patrimonial em todas as freguesias dos 16 concelhos do Algarve. Devido à possibilidade de recolha de um vasto e interessante manancial de dados e à inexistência de uma monografia científica abrangente, por um lado, e ao profundo interesse popular pelos usos e costumes ancestrais,

que se repercute na fé e na alegria que se imprime na participação, interacção e transmissão dos hábitos pagãos e dos valores cristãos enraizados na comunidade, não deixa de ser tão pertinente quanto profícua a elaboração de um dispositivo de promoção da religiosidade popular no Algarve.

Nesta região, a realização de festas religiosas evidencia a peculiaridade histórica, social e cultural quer do Algarve quer das suas gentes. A região tem também uma dimensão patrimonial tão enraizada como muitas vezes desconhecida. As festas religiosas são acontecimentos contextualizados em determinados valores sociais, culturais e simbólicos; são o produto de uma multifacetada e expressiva tradição; caracterizam e determinam o património histórico-cultural do Algarve; constituem-se em momentos propiciadores, ocasiões capazes de aglutinar indivíduos provenientes de diferentes locais em idênticos rituais de culto num espaço sagrado comum e mediante a partilha e compreensão acordada de símbolos.

Certamente que este texto que agora se apresenta faz parte de um projecto repartido por duas componentes, uma teórica e outra prática. Este texto é essencialmente baseado numa formulação teórica, pelo que as conclusões definitivas serão divulgadas no próximo XIV Congresso do Algarve.

#### **4. Referências bibliográficas**

- BRUNER, Jerome (2000) *Acts of Meaning*. Cambridge: Harvard University Press.
- CAILLOIS, Roger (1979) *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Edições 70.
- COHEN, Anthony P. (1995) *The Symbolic Construction of Community*. London: Routledge.
- DURKHEIM, Émile (2002) *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Oeiras: Celta.
- ELIAS, Norbert (1994) *Teoria simbólica*. Oeiras: Celta Editora.
- FERRO, Xosé Ramón Mariño (1987) *Las Romerías, Peregrinaciones y sus Símbolos*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- GEERTZ, Clifford (2000) *La Interpretación de las Culturas*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- ISAMBERT, François-André (1988) *Le Sens du Sacré: Fête et Religion Populaire*. Paris: Éditions de Minuit.
- KATZ, J. J. (1972) *Semantic Theory*. New York: Harper and Row.
- LIPIANSKY, Edmond Marc (1992) *Identité et Communication*. Paris: PUF.
- MAUSS, Marcel (1985) *Les Fonctions Sociales du Sacré*. Paris: Les Editions de Minuit.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (1984) *Festividades Cíclicas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- SEARLE, John (1995) *The Construction of Social Reality*. New York: Harper and Row.
- SPERBER, Dan (1991) *Rethinking Symbolism*. Cambridge: Cambridge University Press.